

pequenos acenavam zelosamente com a cabeça em direcção ao freguês que era eu próprio.

Contudo, a minha vontade e também a minha força para viajar as brincadeiras, dissipavam-se cada vez mais. No fim já seguia quase sem curiosidade a actividade dos meus dedos que vagueavam tal como a gente preguiçosa e capciosa nos arredores de uma cidade consumida pelas chamas. Impossível confiar no caminho que seguiam. Pois, embora tendo-se unido na inocência, nunca se podia ter a certeza se os dois grupos não iriam separar-se silenciosamente como quando se haviam encontrado, voltando a seguir cada um o seu caminho. Este era por vezes um caminho proibido, no fim do qual um doce repouso consentia ao olhar sedutoras aparições, ondulando nos véus de chamas que se encontravam por detrás das pálpebras fechadas. Nem todo o carinho e amor eram capazes de incorporar o quarto em que estava a minha cama na vida da nossa casa. Tinha de esperar até ao anoitecer. Então, quando a porta se abria diante do candeeiro e se aproximava de mim a curvatura da sua campânula, baloiçando sobre a soleira, era como se a esfera dourada da vida que fazia girar cada hora do dia tivesse encontrado pela primeira vez o caminho para o meu quarto, como se este fosse uma prateleira escondida. E, antes que a noite se acomodasse à minha presença, começava para mim uma vida nova, ou antes, velha: debaixo da luz do candeeiro, de um momento para o outro, a febre florescia.

Nada além do facto de estar deitado me permitia extrair da luz uma vantagem que os outros não podiam obter tão facilmente. Aproveitava a minha calma e a proximidade da parede para saudar a luz com jogos de sombras. Assim, todos os jogos que tinha deixado os meus dedos fazer, repetiam-se no papel de parede, agora mais indefinidos, mais imponentes, mais enigmáticos. «Em vez de recearem as sombras da noite», assim dizia no meu livro de jogos, «as crianças alegres usam-nas para se divertir.» Seguiam-se instruções ricamente ilustradas de

como lançar bodes, grnadeiros, cisnes e coelhos sobre a parede da cama. Claro que eu raramente fazia melhor do que a garganta de um lobo. Porém, esta era tão grande e escancarada, que tinha de ser o lobo Fenris,¹ destruidor do mundo, por mim posto em acção no mesmo quarto em que não deixavam a doença infantil apoderar-se de mim.

Um dia, retirava-se. A convalescença próxima soltava, tal como o nascimento, ligações que a febre penosamente estabelecera. Os criados começavam a substituir mais vezes a minha mãe na minha vida. E certa manhã, depois de um longo intervalo e com pouca força ainda, voltava a deixar-me seduzir pelo barulho do sacudir de tapetes que subia pelas janelas e penetrava mais fortemente no coração de uma criança do que a voz da amada o fazia no coração do homem; o barulho do sacudir de tapetes, idioma das classes inferiores, verdadeiros adultos que nunca interrompiam o seu trabalho, permitindo-se às vezes um abrandamento em que, frouxos e amortecidos, a tudo se dispunham, ou voltando a cair num galope inexplicável, como se lá em baixo estivessem a apressar-se para fugir à chuva.

Imperceptivelmente, tal como no princípio se metera comigo, a doença despedia-se de mim. Quando, porém, já estava prestes a esquecer-me de novo dela, recebia uma última vez a sua saudação na minha caderneta de notas. A soma das faltas estava assinalada em rodapé. Estas não me pareciam, de modo algum, cinzentas e monótonas como as aulas a que assistira, mas sim fitas coloridas expostas em fila no peito do inválido. Pois sim, a observação que lá aparecia, afigurava-se aos meus olhos como uma longa fileira de condecorações: faltou a cento e trinta e sete aulas.

¹ O demónio mais terrível da mitologia nórdica. (N.T.)